



Paraoaguá

Taq

Itapitanga

Boypcha

7

Lianucaga

Mata

Peco meau

I. dos Índios

Ilha de Maré

Pau de
pe grande

Barrada
paraoaguá

I. do Corado

mapipe

Iga racu

TERRAS
DE DO
ALVARO
DA
COSTA

Bahia de
todos Santos

Cidade de
S. João
das Vilas

p. des. Ant. Impu

6. Ilhas
de S. João
das Vilas

na d. m. l. v. l. o. g.





Taq

Boyr
peba

I. dogfiades

I. de
Maz...

I. de
paracatu

I. domelo

TERRAS
DE D.
ALVARO
RODRIGUES
RIO DE
S. PAULO
FORTALEZA
DE S. PAULO

Bahia de
todos os
Santos

6. bracas
de preamar
da goasvmas

malary
barcos





Introdução

Vanessa Hatje

Jailson Bittencourt de Andrade

A Baía de Todos os Santos, conhecida como BTS (**Figura 1**), é uma grande baía localizada nas bordas da terceira maior cidade brasileira, Salvador, capital da Bahia. Centrada entre a latitude de 12°50' S e a longitude de 38°38' W, a BTS apresenta uma área de 1.233 km², sendo a segunda maior baía do Brasil, atrás apenas da baía de São Marcos, no Maranhão. No entorno da BTS há hoje um contingente populacional superior a três milhões de habitantes. Dentre as baías da costa leste brasileira, é a única que apresenta dez terminais portuários de grande porte, um canal de entrada naturalmente navegável e canais internos profundos, o que, desde sempre, a têm tornado um elemento facilitador do desenvolvimento da região. Sua riqueza natural, com expressiva extensão de recifes de corais, estuários e manguezais e sua forte relação com a história do Brasil fazem da BTS um pólo turístico por excelência.

Muito se tem pesquisado sobre a BTS, mas as informações decorrentes desses estudos, em boa parte, estão dispersas e pouco acessíveis, o que torna difícil uma visão geral sobre ela. Proporcionar tal visão, com foco nos aspectos oceanográficos, é o objetivo geral deste livro. A Introdução se incumbe de apresentar a BTS ao leitor, situando-a histórica e economicamente a princípio para, em seguida, fazer uma descrição de seus aspectos físicos mais gerais.

Entre 1501, quando os portugueses cruzaram pela primeira vez a entrada da BTS, e 1590, quando o primeiro complexo urbano na borda da baía, a Cidade do Salvador, estava em pleno funcionamento, houve uma profunda mudança no entorno da BTS. Neste período a Índia Kirimurê, grande mar interior dos Tupinambá, foi transformada e batizada na portuguesa Baía de Todos os Santos (Araújo, 2000). Naquela época, a região do Recôncavo baiano, que abraça toda a área da BTS e compreende vários rios e enseadas de portes variados, era coberta por densas florestas e bosques de manguezais. A partir de 1550, entretanto, a implantação da cultura da cana-de-açúcar, primeira monocultura de exportação do Brasil, e a sucessiva instalação de engenhos, unidade agroindustrial mais complexa à sua época, promoveram a acelerada destruição das matas primárias. Estas matas foram utilizadas como combustível vegetal e alimentaram todo setor de construção e reparação de embarcações (Araújo, 2000). No final do século XVI havia mais de 40 engenhos instalados na região ocupada entre São Francisco do Conde, Santiago de Iguape e Santo Amaro, constituindo um território reservado exclusivamente à cultura da cana (Oliveira, 1997). As lavouras de subsistência, especialmente a exploração da mandioca, desenvolveram-se ao sul desta região, enquanto as plantações de fumo concentraram-se a oeste (Freitas e Assis, 2009). O transporte aquático nesta época foi fundamental para a exportação do açúcar, de produtos do sertão e do intenso tráfico de escravos. Mais de 1400 embarcações estavam em serviço no interior da BTS, que se tornou parada estratégica das embarcações portuguesas a caminho da Índia (Araújo, 2000).

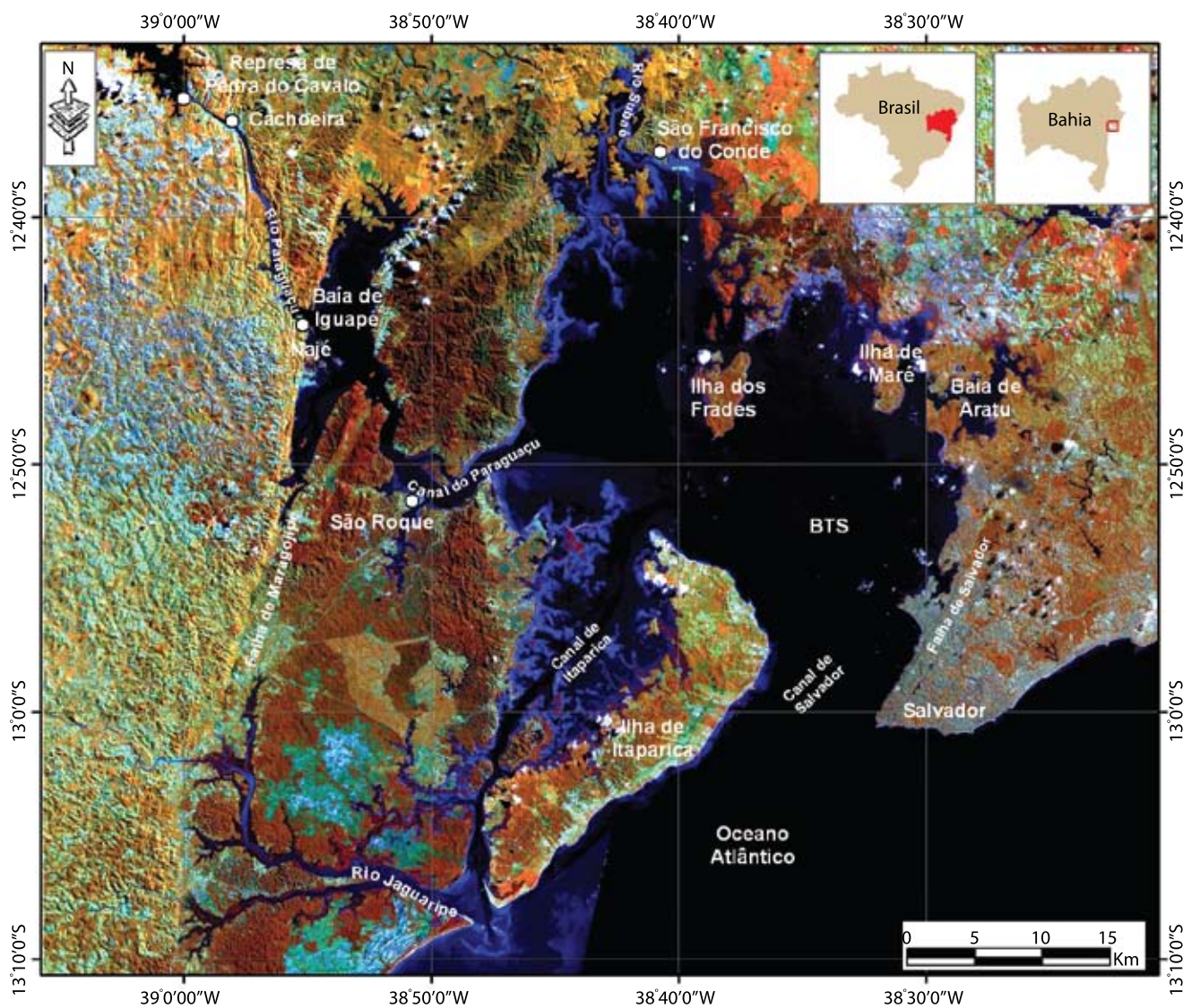


Figura 1.
Baía de Todos os Santos, BA, Brasil
(Cirano e Lessa, 2007).

Em meados do século XIX, por motivos diversos dentre os quais a ausência de estradas para escoamento da produção, o fim do tráfico africano e a abolição da escravidão, houve novamente uma grande mudança no cenário do Recôncavo. Surgia então um ambiente bem mais diversificado, que incluiu a produção de fumo, de produtos alimentícios, usinas de açúcar e coleta de peixes e mariscos para o abastecimento local.

Outra mudança expressiva no panorama do Recôncavo baiano deu-se em 1950, quando a Petrobras inaugurou a pequena refinaria Landulpho Alves (RLAM) no município de Mataripe. Entre os anos 50 e 80 o Recôncavo foi o único produtor de petróleo no país (Oliveira, 2003). A descoberta e a exploração do petróleo

transformaram definitivamente a identidade da região e impuseram uma nova organização econômica e social, que terminou por conduzir o Governo da Bahia, nas décadas de 60 e 70, à opção pelo desenvolvimento petroquímico como modelo de crescimento econômico do Estado. Posteriormente, a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e uma série de incentivos fiscais permitiram o desenvolvimento e a expansão industrial, com a consolidação do complexo petroquímico e do Centro Industrial de Aratu. Como resultado de todo este processo, hoje o entorno da BTS compreende uma extensa zona industrial que inclui o maior pólo petroquímico do hemisfério sul. Existem também três emissários submarinos localizados na plataforma continental adjacente, ao norte da desembocadura da baía, sendo dois destinados a efluentes industriais e um destinado ao esgotamento doméstico. Reservas de óleo e gás são exploradas na plataforma interna a menos de 100 km da entrada da baía.

Os focos e estratégias de exploração de recursos não são permanentes. As condições de vida e de trabalho das populações no entorno da BTS têm sido alteradas profundamente em cada um dos ciclos mencionados. Em contrapartida, o ambiente físico da BTS, tão conducente ao desenvolvimento e à exploração do seu entorno e base de trabalho e renda para as populações ribeirinhas excluídas dos ciclos principais, tem sofrido os efeitos da ação antrópica.

Na maior parte de sua extensão, a BTS é rasa, com profundidade média de 6 m e profundidade máxima de 70 m, no paleovale do rio Paraguaçu. A geologia da BTS foi determinada, em grande parte, pela atividade tectônica, quando da separação entre a América do Sul e a África, ocupando uma área delimitada pelas falhas geológicas de Salvador e de Maragojipe. De uma bacia de drenagem total de 60.000 km², mais de 90% são drenados por três tributários, os rios Paraguaçu, Jaguaripe e Subaé, responsáveis por uma descarga média anual de 101 m s⁻¹, ou 74% da descarga fluvial total (Cirano e Lessa, 2007). O rio Paraguaçu, apesar de barrado pela represa de Pedra do Cavalo, 15 km à montante de sua foz, é o principal tributário da BTS, seguido pelos rios Jaguaripe e Subaé e de pequenos cursos d'água periféricos. A pequena descarga fluvial é refletida nas características essencialmente marinhas encontradas na maior parte da baía. No seu interior, a circulação é predominantemente forçada pelas marés (2,7 m de altura média de maré), sendo que a descarga fluvial média é inferior a 1% da vazão associada às marés na saída da BTS. A coluna d'água é caracteristicamente bem misturada e condições estuarinas são observadas apenas próximo à saída dos rios, em estuários com ecofisiologia complexa, os quais abrigam uma rica biodiversidade de alto interesse ecológico e extrativista. Esses ambientes podem ser descritos de diversas maneiras e neste livro serão tratados como ambientes bentônicos e pelágicos. O ambiente pelágico refere-se à coluna d'água, em interface com a atmosfera e o sedimento de fundo, sendo habitado por plâncton e nécton. O ambiente bentônico

compreende os ambientes de fundo consolidado, como recifes de corais, bem como os sedimentos inconsolidados no infra e mesolitoral, e a fauna associada a estes.

Esta Introdução apresentou, brevemente, a Baía de Todos os Santos. Os próximos capítulos têm os objetivos de sumarizar e examinar, de maneira compreensiva, os dados de oceanografia química, geológica, física e biológica que foram gerados sobre a BTS. Assim, este livro está dividido nas seguintes partes: Geologia (Capítulo II); Oceanografia Física (Capítulo III); Ambiente Pelágico (Capítulo IV); Pesca e Produção Pesqueira (Capítulo V); Ambiente Bentônico (Capítulo VI); e Contaminação Química (Capítulo VII).

No Capítulo II, o leitor encontrará uma descrição de como e quando a BTS foi formada e um panorama histórico que compreende desde o início de sua formação até seu estágio atual. Este capítulo é crítico, uma vez que define as condições geológicas a partir das quais os ambientes contemporâneos se estabeleceram. O Capítulo III examina as propriedades físicas da água, bem como as forças da circulação e as condições meteorológicas da região. Neste capítulo a ênfase é dada em áreas particularmente mais susceptíveis à impactação antrópica, como a região da Baía de Aratu e do rio Paraguaçu. No Capítulo IV, são apresentados os dados físico-químicos que caracterizam a BTS, especialmente na região norte da baía, onde foi realizada uma série de estudos de avaliação da qualidade ambiental. Este capítulo aborda também os dados sobre plâncton (fito e zoo) e peixes disponíveis na região. As principais características das comunidades pesqueiras, especialmente da porção norte da baía, são discutidas no Capítulo V. Neste é apresentado um sumário das atividades de pesca, incluindo os petrechos utilizados, as principais espécies e uma estimativa da produção pesqueira. O Capítulo VI discute o ambiente bentônico da BTS e concentra a discussão em torno de dois ambientes extremamente ricos do ponto de vista ecológico e altamente sensíveis aos impactos antrópicos, os estuários e os recifes de corais. Finalmente, o Capítulo VII apresenta uma revisão dos principais estudos sobre a contaminação por metais traço e por hidrocarbonetos realizados na BTS, e fornece subsídios para o leitor avaliar a situação de impactação da baía comparativamente a outros sistemas costeiros.

Com esta estruturação, este livro pretende suprir uma demanda antiga dos órgãos governamentais e da comunidade científica: encontrar, em uma única publicação, dados sistematizados e menção aos principais trabalhos desenvolvidos sobre a BTS, bem como uma interpretação sobre sua atual situação. Dessa maneira, espera-se que esta publicação contribua para o desenvolvimento de novas pesquisas, para o enriquecimento de projetos em andamento e para a formulação de políticas públicas que tenham, como finalidade, a promoção da qualidade de vida das populações no entorno da baía, em sintonia com a preservação da diversidade dos ecossistemas da BTS.

Referências

Araújo, U. C. (2000) A Baía de Todos os Santos: um sistema geo-histórico resistente. **Bahia Análise & Dados**, v. 9, p. 10-23.

Cirano, M.; Lessa, G. C. (2007) Oceanographic characteristics of Baía de Todos os Santos. Brasil. **Revista Brasileira de Geofísica**, v. 25, p. 363-387.

Oliveira, W.F. (1997) Evolução Sócio-Econômica do Recôncavo Baiano. In: Germen/UFBA-NIMA. **Baía de Todos os Santos – Diagnóstico Sócio-Ambiental e Subsídios para a Gestão**. Parte I. Cap. 3, p. 43-56.

Oliveira, F. (2003) **O elo perdido. Classe e identidade de classe na Bahia**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo. 115p.

Freitas, A. F. G.; Assis, A. (2009) **Canô Velloso. Lembranças do saber viver**. EDUFBA, Salvador. 179p.

